



ESPIRITUALIDADE NO DESERTO: UMA PROPOSTA MODERNA PARA UMA ESPIRITUALIDADE DE EXÍLIO E ENCONTRO

(Spirituality of the Desert: A Modern Proposal for a Spirituality of Exile and Meeting)

Cícero Alves França

Mestre em Teologia Espiritual pela Universidade Gregoriana de Roma.

E-mail: ciceroreitoria@gmail.com

RESUMO

O presente texto trata de algumas das vias utilizadas para se argumentar em favor da existência de Deus. Parece, contudo, que um recurso ao ordenamento do mundo com o fim de evidenciar a verdade do teísmo enfrenta uma série de limitações. A hipótese central da mundividência teísta, contudo, é coerente com o pressuposto da própria ciência, sendo um universo inteligível aquilo que se esperaria de uma realidade criada por alguém inteligente com propósito. A abordagem de se concentrar na cognoscibilidade do mundo, embora não elimine a dúvida acerca da existência de Deus, parece ser uma proposta mais promissora, no contexto do diálogo entre ciência e teologia, que a proposta que foca em lacunas no conhecimento humano, com fins de se encaixar Deus nelas, pois a primeira, ao contrário desta, não pode sofrer erosão pelo progresso do conhecimento científico.

Palavras-chave: Ciência; Criador; Deus; Teologia

ABSTRACT

The present text deals with some of the ways used to argue in favor of the existence of God. It seems, however, that an appeal to the arrangement of the world in order to evidence the truth of theism faces a number of limitations. The central hypothesis of theistic worldview, however, is consistent with the assumption of science itself, an intelligible universe being what one would expect from a reality created by someone intelligent with purpose. The approach of focusing on the cognoscibility of the world, although not eliminating the doubt about the existence of God, seems to be a more promising proposal, in the context of the dialogue between science and theology, than the proposal that focuses on gaps in human knowledge, in order to fit God in these gaps, since the previous one, contrary to this, can't be eroded by the progress of scientific knowledge.

Keywords: Creator; God; Science; Theology

INTRODUÇÃO

A Espiritualidade do deserto é um grande manancial que não perde sua força. Isso porque o deserto é um lugar de encontro, de descoberta e, sobretudo, um lugar de crescimento. Por ser um lugar árido, aparentemente sem vida, parece à primeira vista um lugar de morte. Contudo, o deserto é onde Deus fala ao coração, onde Deus penetra no mais íntimo do ser, onde Ele diz o seu nome. Em termos bíblicos, o deserto está estritamente ligado à experiência de libertação, não somente como um lugar de refúgio, mas onde se pode renovar e descobrir novas fontes de vida.



Cumpra-nos a definição antecipada de *deserto*, o que será melhor aprofundado nas linhas que se seguem. Entretanto, concebê-lo-emos enquanto um espaço de tempo que se situa fora da experiência histórica. Em outras palavras, o homem enquanto ser histórico, concreto e autêntico, é “situado”, sua existência concretiza-se na história, no *tempo*. Mesmo Deus, por mais universal que seja a sua mensagem, ao “entrar” no seio da humanidade, se “situou” no tempo e se utilizou da língua humana e cultura local, com vistas à universalidade de sua pregação e atos que não se situam no tempo e/ou na história linearmente concebidos. Desse modo, o *tempo* do deserto deverá ser entendido, desde já, não como um período espaço-temporal, mas antes como uma busca atemporal do *Eterno* que não cabe no tempo, uma verdadeira *metanoia*¹ da realidade objetiva de si, em busca do *Eterno Outro* que marcou a história.

Esse tema assume, sobretudo nos dias atuais, uma grande importância, sendo que, na espiritualidade do deserto, encontra-se o cerne da experiência existencial em que o homem se encontra exposto. Isso porque o deserto se torna lugar de procura, de orientação, onde a vida muda e se renova. Assim, na atualidade, em que a estabilidade das instituições significantes e objetivas da vida humana se encontra obnubilada e em que se têm tanto barulho e pouca interioridade, sente-se, cada vez mais, a necessidade daquele encontro, de repousar a cabeça e encontrar significações à opulência de nossas vidas e alternativas aos modelos econômicos que nos *objetificam* e nos transformam em mercadorias facilmente substituíveis e sem importância. Nesse sentido, a presente reflexão intenta ser um pequeno contributo de como se pode propor uma autêntica espiritualidade como caminho de busca e de encontro, sem, contudo, aliená-la da realidade em seu entorno e dos problemas que ela contém.

Para tanto, definiremos, no primeiro momento, o conceito natural de deserto e traçaremos, em consonância com a tradição mística do ocidente, o que vem a sê-lo para a espiritualidade. Isso feito, lançaremos as bases do conceito espiritual de deserto, quais sejam: solidão, silêncio e oração. Assim, concluiremos com um renovado chamado à importância de tal experiência no horizonte significativo humano e amadurecimento espiritual do homem.

Desde já, entretanto, ter como objeto uma espiritualidade do deserto não significa uma espiritualidade sem história, isto é, não se trata de espiritualismo. Por isso mesmo, propomos, no presente artigo, a espiritualidade do deserto como caminho de silêncio, de solidão e de oração. Esse tríplice caminho se configura na base de formação dos conceitos fundamentais dessa espiritualidade, considerados, portanto, de grande valor para serem apresentados como realidades importantes à vida dos homens e mulheres do nosso tempo.

1. “QUE FOSTES VER NO DESERTO?” (L.c. 7,24)

A reflexão sobre a espiritualidade do deserto nos coloca diante de alguns pontos de inflexões, tais como: o que se busca no deserto: um repouso depois de dias e noites estressantes ou um lugar onde colocamos em ordem nossas relações? Ou ainda, busca-se uma higiene ótica e

¹ **Metanoia** (do verbo grego antigo μετανοεῖν, translit. metanoein: μετά, metá, 'além', 'depois'; νοῦς, nous, 'pensamento', 'intelecto'), no seu sentido original, significa mudar o próprio pensamento. – Cf. Jungian Center News. 6 de julho de 2009.



acústica depois de tantos estímulos e condicionamentos? Perguntas como essas nos colocam diante de um tema importante, sobretudo no que se refere à vida espiritual.

Quando falamos em *deserto*, partimos de uma realidade concreta, ou seja, de uma parte da superfície da terra caracterizada por pouca precipitação pluviométrica e, por consequência, árida e anecúmena. Aliás, 20% da superfície terrestre é encoberta por biomas desérticos². Entretanto, apesar de suas características gerais, esse bioma apresenta uma fauna (roedores, serpentes, lagartos e insetos) e flora bastante características, o que nos permite afirmar que a vida ainda floresce mesmo em ambientes hostis a ela. Conclui-se assim que a característica do deserto é a contínua tensão entre: muito calor e muito frio, esterilidade e fecundidade, zonas imensas sem água e oásis exuberantes³. Mais do que essas tensões entre polos contrapostos, o deserto se configura como uma das imagens mais eloquentes de nossa existência, principalmente por essa sua bipolaridade de “lugar de morte” e “lugar de vida”.

Nesse esteio, utilizaremos essa imagem icônica do deserto, seguindo uma tradição mística no ocidente que vê, com profundidade, o significado e as manifestações dessa imagem. Assim, o deserto assume o caráter de um *ícone* penetrante que convida a perceber e a interpretar a existência do homem⁴. O deserto, portanto, não é somente um bioma ou uma paisagem, mas também uma “dimensão interior do nosso ser pessoa”, uma realidade que cada um de nós experimentamos de modo inconfundível e pessoal.

Cumpra-nos a observação de que, na experiência do deserto e, por isso mesmo, na espiritualidade do deserto, o homem é um ser de passagem, ou seja, não vai ao deserto para ali permanecer. O deserto nos leva a uma outra realidade. Por isso, é caracterizado pelo movimento de passagem. Assim como ao povo de Israel, o deserto é passagem à libertação, à terra prometida. Para os hebreus, o deserto está ligado à experiência de libertação da escravidão do Egito. “Moisés e Aarão foram e disseram ao Faraó: Assim falou o Senhor, o Deus de Israel: Deixa o meu povo partir, para que me façam uma festa no deserto” (Ex 5,1). Essa “festa” significa a libertação final da escravidão, das violências e opressões sofridas na terra do Faraó. Transforma-se na “festa da liberdade”⁵. A experiência histórica do deserto como lugar de libertação dá a essa espiritualidade uma característica particular, que se concretiza como *caminho* que conduz o homem ao próprio homem e, sobretudo, por onde esse mesmo homem é conduzido por Deus à experiência de libertação. Não se trata aqui da propositura de um *antropocentrismo* e/ou um *antropocosmos*, o que facilmente nos levaria a uma histórica valorização do *eu* e ao esvaziamento de uma característica intrínseca ao homem: a sociabilidade. Mas antes à redescoberta do apodítico *γνωθι σεαυτόν* (conhece-te a ti mesmo)⁶, para, então, transcender a realidade ao encontro do *Eterno* que se deixa encontrar.

Portanto, essa espiritualidade nos leva à observação da realidade como um único e enorme deserto. Isso significa considerar o mundo, a vida e a própria realidade como uma passagem, ou seja, nessa experiência, não se vive na passividade, não se é simplesmente vítima da vida,

² CHRISTOPHERSON, Robert W. *Biomas Terrestres. Uma Introdução à Geografia Física*. Bookman Editora, 2012. 668-669 In: *Geossistemas* - 7.ed.

³ GRESHAKE, G. *La spiritualità del deserto*. Queriniana, Brescia, 2004. p. 05.

⁴ *Ibid.*, p. 07.

⁵ BONORA, A; BOUYER, L. ANCILLI, E. *La spiritualità dell'antico testamento*, Bologna: EDB, 1998. p. 125.

⁶ ABBAGNANO. Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes: São Paulo, 1998.



mas a pessoa se faz ativa, caminha em uma luta dinâmica de buscar o que está para além daquela situação-limite do tempo e espaço em que se encontra. Nesse sentido, tornamo-nos sujeito – não simplesmente um objeto – que significa e busca significações à existência. Encontramos, no homem, a justa capacidade de se deixar conduzir e, ao mesmo tempo, ser conduzindo nesse *caminho*. Essa passagem é feita de pensamentos e sensações, nos quais se abre um vasto horizonte a ser contemplado.

Por exemplo, a vida espiritual encontra no deserto a solidão, a desordem, melancolia, aridez, pobreza, silêncio, etc.⁷. O deserto é terra desolada, um caminho que se faz só, mas que nos introduz ao mais puro mistério de Deus. No deserto, consolação e desolação se alternam, numa aparente contradição⁸, pois, somente quando nos deparamos com o nada, com o vazio, com a aridez, com o que, de fato, é essencial, decidimo-nos por outra Pessoa: Deus (cf. 1Re, 19).

Cabe aqui um pequeno aporte quanto ao conceito de *experiência*. Sua raiz etimológica provém do grego εμπειρία e foi quase que transliterado para o latim *experientia*, sendo formada por três partes, a saber: *ex* (fora), *peri* (perímetro) e *entia* (conhecer). Então, pode-se traduzir de maneira literal como o ato de conhecer fora (além) do perímetro, ou seja, além dos limites. Dessa maneira, na palavra *experiência*, resgata-se um significado mais profundo, haja vista a carga semântica aqui elucidada na etimologia.

Desse ponto de vista, de acordo com a construção de Moltmann, é possível dizer que:

Experiência, no sentido mais amplo, designa a totalidade daquilo que ocorre ao homem na vida de sua consciência. Não são as impressões fugazes que importam, mas sim os alargamentos permanentes da consciência. Experiência, de acordo com isto, abrange a totalidade daquilo que a razão adquire no exercício de sua atividade.⁹

Tendo em conta a afirmação supracitada, pode-se compreender, então, que a experiência se dá em um processo de alargamento da consciência e em uma nova percepção de si e da realidade. O referido autor ainda aponta um exercício da atividade da razão. Com isso, não seria prematuro concluir que experiência pressupõe uma atividade consciente do indivíduo, por meio da qual ele se empenha na descoberta e no aprendizado.

Desse modo, o tempo do deserto, enquanto experiência intrínseca de autoconhecimento e encontro, é ainda o tempo em que se experimenta o *primeiro amor*, sendo que foi no deserto que Deus se fez conhecer a Israel. Desse modo, Israel (enquanto nação) nasce no deserto, em uma obra que o ser humano não pode programar e realizar sozinho, mas uma obra sempre feita em união com Deus. Por isso, o deserto se torna “lugar” de vida, de nascimento¹⁰. Desse modo,

⁷ GRESHAKE, *La spiritualità*, p. 12.

⁸ No deserto, a pessoa encontra duas faces que tornam possíveis a experiência. Por isso, o sinal será sempre de uma aparente contradição, em que a paisagem reflete a alma em constante tensão. Nesse sentido, diz-se que o deserto leva a pessoa a perceber essa constante contradição, entre consolação e desolação, tristeza e alegria, silêncio, barulho, etc. Porém, ao mesmo tempo, essa contradição não é negação, mas um constante movimento.

⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 31

¹⁰ O Profeta Oséias explica bem essa questão do nascimento e da vida que brotam no deserto, onde Deus não está longe, mas próximo: “Como as uvas no deserto, assim eu encontrei Israel” (Os. 9,10). Essa comparação que o profeta faz nos soa de maneira absurda, pois, no deserto, é impossível encontrar uvas. Contudo, esclarece-nos bem



o deserto não nos dá apenas respostas aos problemas vividos, tampouco só nos proporciona equilíbrio e harmonia. Ele, sobretudo, é um lugar “espiritual”, onde se pode fazer uma experiência profunda de Deus e, conseqüentemente, de si, um local de encontro que nos revela nossas fraquezas e fragilidades, bem como a grandeza de Deus.

Entretanto, muitas vezes há a errônea compreensão de que as fragilidades, sombras e contradições da vida, constituem-se como um mal em si, que deva ser combatido, esquecido e/ou desprezado. Porém, se houver uma compreensão desses momentos como fortes apelos à construção do ser humano em sua integralidade, poder-se-ia falar de um caminho de amadurecimento e de superação ou, ainda, de um autoconhecimento tão profundo que seja capaz de lançar ao ser humano perspectivas ainda desconhecidas e potencialidades extraordinárias. Seria, em outras palavras, o “devolver-se a si mesmo”.

Vivemos em um mundo cada vez mais marcado pelo ter, aparecer e poder, em que o tempo se converte em sinônimo de dinheiro e as relações tendem a se curvar às regras do sistema econômico, uma modernidade marcada pela *dessacralização* do mundo, em termos eliadianos. Não se trata mais de uma sociedade em que os indivíduos sabem o seu destino desde o nascimento. Estamos agora imersos em um espaço social onde – teoricamente – escolhemos nosso futuro, optamos pelo nosso destino e somos responsáveis pelo nosso fracasso. Não é mais necessário ser asiático para ser um legítimo budista, basta comprar os livros certos e assistir às aulas certas. Ninguém *é*, mas, sim, *está*. Portanto, o deserto nos ensina, além de outras coisas, a fazermos uma nova experiência do tempo e de si e, portanto, a vermos as coisas com maior profundidade. Assim, o que se vê no deserto é a capacidade de se esvaziar, acolher, amar e viver o essencial: realidades tão esquecidas na atualidade, mas que são essenciais à sanidade humana e que nos revelam as lutas e coerções em que estamos inseridos como aparente liberdade, transvestidas de livre-escolha.

2. UMA FORMA DE PROPOR A ESPIRITUALIDADE DO DESERTO

Apresentar a espiritualidade do deserto como um caminho válido aos nossos dias pode nos levar, à primeira vista, observando o que se tem percebido há alguns anos, a uma espiritualidade desvinculada da experiência religiosa da fé cristã¹¹, o que seria um total esvaziamento do conceito e da experiência em si. Desse modo, ao abordarmos o tema, incorremos em um grande desafio, ainda mais quando inúmeras pessoas acorrem ao deserto na fuga de realidades existenciais cotidianas que se apresentam angustiantes, ambíguas etc., sentindo, portanto, necessidade de autênticos espaços, de amplos horizontes, de liberdade, de um lugar de aventuras e de descobertas. Entretanto, ante as aventuras, fascínio ou mesmo fuga da correria cotidiana, o deserto é o local por excelência de silêncio, solidão e recolhimento¹². Desse modo, ao se

como Deus deu a Israel no deserto uma vida nova, cheia de prodígios. O deserto, portanto, nos lança dentro da vida, o que parece sinal de morte e sofrimento, se transforma em sinal de vida.

¹¹ Hoje se fala muito de viver um espiritualismo, ou seja, uma espiritualidade sem história, sem ter nada a ver com a fé. Nesse aspecto, a espiritualidade do deserto pode ser concebida somente como uma busca muito centrada no “eu”, a qual leva a pessoa a viver uma realidade alheia à história e à vida de fé. Assim, uma espiritualidade do deserto separada da vida de fé é fruto do espiritualismo, que, cada vez, parece ganhar mais visibilidade.

¹² PEDROSO, D. *Caminhar no espírito, o homem à busca de Deus*, Braga: Editorial A.O, 1998, p 174.



apresentar uma espiritualidade do deserto, devemos levar em consideração aquilo que ela tem de mais profundo e encantador, ou ainda, o que ela propriamente seja.

A espiritualidade do deserto deve ser proposta como um caminho de encontro do homem consigo e com Deus, em uma realidade sempre mais aberta ao Espírito Santo. Isso significa, de concreto, que essa espiritualidade pode ser apresentada como um modelo de relação triádico, que é justamente um modelo de relação diferente do que mundo oferece, sendo esse o de uma relação dual¹³. Assim, a espiritualidade do deserto deve ser apresentada com um caminho que não segue o modelo do “mundo”, mas, antes, uma espiritualidade que ajuda a pessoa a ser sujeito da própria história e, ao mesmo tempo, tomar consciência que, na relação com Deus, aprende-se a estabelecer relações maduras com os outros. Essa é uma espiritualidade que é capaz de mostrar um Deus que não tolhe a liberdade, antes ajuda a encontrá-la de verdade.

Assim sendo, propomos a espiritualidade como um caminho de silêncio, solidão e de oração. No que se refere ao primeiro conceito, fomos, nas últimas décadas, inundados por uma torrente de palavras¹⁴. Em todos os lugares aonde vamos, somos cercados por elas. Cada vez mais, sente-se a necessidade do silêncio, enquanto meio também de comunicação, sendo ele morada da palavra e que a ela dá força e fecundidade¹⁵. Com isso, queremos dizer que a espiritualidade do deserto pode ser apresentada como uma espiritualidade sobretudo do silêncio e da escuta e que, em um mundo cada vez mais *cyber informacionista*, nos ajuda a manter a mente e o coração apoiados no mundo futuro, dando-nos orientação criativa na prática de nossas vidas.

Já em referência ao segundo, enquanto somos “maltratados” com compulsões sociais impostas pelo modelo de produção e vida em que estamos inseridos, somos chamados à solidão, encontrando nela o mais profundo de nós mesmos e a possibilidade de nos tornarmos compassivos, profundamente conscientes de nossa solidariedade para com o desalento de toda a humanidade e prontos para estender as mãos a quem quer que precise¹⁶. A solidão inclui várias tipologias e é potencialmente uma força na nossa vida, que em si mesmo é um valor. Sendo assim, a ela precisa ser gestada, de maneira a ser orientada e transformada em força criativa e, não, encarada somente como uma força destrutiva¹⁷. A solidão é o caminho da grande luta e do grande encontro. Podemos dizer que é o “lugar” onde Cristo nos remodela à sua imagem e nos liberta de nossas enganosas compulsões. Assim, a espiritualidade do deserto pode também ser

¹³ Modelo de relação triádico tem por base a relação trinitária, ou seja, é um modelo de relação aberto, dinâmico, acolhedor, que respeita a pessoa no seu todo, não se busca nada para si. Ao contrário, encontra sempre espaço para a vivência do amor. Nesse modelo de relação, ninguém só é passivo, nem só ativo, mas encontra uma harmonia em que recebe e dá ao mesmo tempo. Por outro lado, o modelo dual dizemos ser um modelo funcional, um modelo em voga no nosso tempo, pois ele é pautado pelo interesse. Não há espaço para acolhida do outro, não há espaço para o amor, não existe ativo e passivo, ou seja, nesse tipo de relação, um é sempre o sujeito e outro sempre o objeto.

¹⁴ Não que as palavras não sejam importantes, ou mesmo que não conseguem comunicar, mas que a principal função da palavra que é a comunicação já não é percebida. A palavra não comunica, já não incentiva a comunhão, já não dá vida, já não oferece terreno fidedigno no qual as pessoas se encontram e constroem a sociedade.

¹⁵ NOUWEN, H. *Caminho do coração: A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 200, p. 45.

¹⁶ *Ibid.*, 35.

¹⁷ ROLHEISE, R. *Il cuore inquieto. Alla ricerca di una casa spirituale in un tempo di solitudine*, Brescia: Queriniana, 2008, p. 200.



proposta como a espiritualidade da solidão, pois pode ser “o lugar” onde aqueles que procuram a luz nesse mundo podem encontrá-la.

Desse modo, a solidão e o silêncio são as bases de sustentação da oração, pois, se a solidão fosse simplesmente a fuga de um estado caótico e o silêncio a fuga de um ambiente barulhento, poderiam facilmente transformar-se em formas de ascetismo muito egocêntricas e que se assemelhariam ao positivismo niilista de nosso tempo. Contudo, a solidão e o silêncio existem para a oração e, com ela, formam a tríplice coroa da espiritualidade que propomos. Nesse sentido, os monges do deserto não achavam que a solidão era estar a sós, mas sim estar com Deus. Não achavam que estar em silêncio era não falar, mas, sim, escutar a Deus. A solidão e o silêncio são o contexto em que a oração é praticada¹⁸. Assim, dizemos que a oração significa relação de amizade com Deus, ou seja, uma partilha da vida, em que a pessoa é chamada a uma reciprocidade constante¹⁹. O que caracteriza a oração é uma relação interpessoal e que, por isso, exige comunhão com Deus. Hoje, cada vez mais voltados para o triunfo da razão, a espiritualidade do deserto pode ser apresentada como um caminho de oração que não se pauta simplesmente em falar de Deus, mas sobretudo com Deus. Portanto, uma oração que busca a transformação da vida em oração – entrega total à vontade divina (*oblatio munda*) – e que, por isso, é capaz de proporcionar a mais bela de todas as preces: *a oração do coração*.

CONCLUSÃO

A pergunta com a qual iniciamos esta pequena reflexão sobre a espiritualidade do deserto era: “como se poderia propor uma espiritualidade do deserto como um caminho espiritual válido para o mundo hodierno?” Claro que o percurso traçado nos levou à confrontação da imagem de sociedade que possuímos atualmente. Todavia, na medida em que o tempo se altera, as respostas elaboradas pela razão técnica-científica, por exemplo, tornam-se insatisfatórias para se identificar e entender as novas formas de comunicação, de relacionamento, de trabalho e dos efeitos do consumismo como valor social perpetrado pelo capitalismo, especialmente no seu sentido histórico, entre outros fenômenos. Em um contexto histórico recente, produzimos os horrores da guerra a partir de fundamentos racionais, de padrões originários da eficiência burocrática. Aquela experiência produziu, mesmo no alto da sapiência humana, a maior indiferença contra a miséria vivida pelo outro.

Por outro lado, em um período da história em que parece que o medo é o que cada vez mais cresce, a experiência do deserto se apresenta com uma realidade cômoda e, por isso, corre-se o risco de vê-la apenas como um remédio para atenuar tamanha dificuldade.

Em resposta a supracitada questão, apresentamos os conceitos de solidão, silêncio e oração. A solidão nos mostra o caminho para deixar que nosso comportamento seja moldado não por nossas compulsões, mas por nossa nova mente: a de Cristo. O silêncio nos impede de ser sufocados por nosso mundo repleto de palavras vãs e nos ensina a falar a Palavra de Deus. Por fim, a oração dá à solidão e ao silêncio uma realidade concreta, um solo fértil em que possam

¹⁸ NOUWEN, A espiritualidade do deserto, p. 63.

¹⁹ BELLONI, A. *L'arte della preghiera secondo santa Caterina da Siena e santa Teresa d'Avila*. Roma: OCD, 2008. p. 95.



florescer. Essa é uma oração capaz de ser realizada com a mente ao coração. Assim, entramos no “coração de Deus”, que abraça toda a história com seu amor eternamente criador.

A espiritualidade do deserto como caminho de silêncio, solidão e oração nos tira a ideia de vermos o deserto como uma realidade somente de morte, de fuga. Ao contrário, abre-nos os olhos para uma realidade mais profunda, pois nos ensina a transformar as nossas dores em cantos de alegria e a pronunciarmos palavras de esperança. Auxilia-nos no desafio perpétuo, difícil e doloroso do equilíbrio entre nossas paixões, realizações de nossos anseios e, ainda, a nos solidarizarmos com as perdas, com as misérias, com as condições inumanas nas quais muitos são submetidos. Em suma, é um verdadeiro caminho Cristão.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes: São Paulo, 1998.
- BELLONI A., *L'arte della preghiera secondo santa Caterina da Siena e santa Teresa d'Avila*. Roma: OCD, 2008.
- BERNARD C., *La preghiera cristiana*, Roma: LAS, 1976.
- BONORA, A; BOUYER, L. ANCILLI, E. *La spiritualità dell'antico testamento*, Bologna: EDB, 1998.
- CHRISTOPHERSON, Robert W. *Biomass Terrestres. Uma Introdução à Geografia Física*. Bookman Editora, 2012. 668-669 In: Geossistemas - 7.ed.
- GRESHAKE, G., *Spiritualität der Wüste*, Wien (2002), trad. italiana: *La spiritualità del deserto*, Queriniana, 2004.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOUWEN, H. *The way of the Heart. Desert Spirituality and contemporary Ministry*, San Francisco (1981), trad. portuguesa: *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo, o caminho do coração*, São Paulo: Loyola, 1997.
- PEDROSO, D. *Caminhar no espírito, o homem à busca de Deus*, Braga: Editorial A.O, 1998.
- ROLHEISER R., *The restless heart, Finding our spiritual home in times of loneliness*, (2004), trad. italiana: *Il cuore inquieto. Alla ricerca di una casa spirituale in un tempo di solitudine*, Brescia: Queriniana, 2008.

Recebido em: 15/04/2019

Aprovado em: 10/05/2019